

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O Mário de Andrade de “Número especial”

Cláudio Roberto Dornelles Remião*

Resumo: Em 18 de maio de 1944, o jornal *Folha da Manhã* fazia publicar mais um artigo de Mário de Andrade (1893-1945) na sua coluna de *O mundo musical*. O texto, de título “Número especial”, referia-se a uma importante publicação que então seria realizada em homenagem à música brasileira - o número 6 do *Boletín Latino-Americano de Música* - e trazia à tona dois assuntos sobre os quais o escritor paulista pouco escrevera ao longo de sua vida: a música produzida no Brasil do período colonial e o estado da pesquisa musicológica no país. O presente texto, que pode ser definido como um trabalho de história da musicologia, é uma análise desse artigo muito pouco comentado de Mário de Andrade.

Palavras-chave: Mário de Andrade – Brasil – Música.

Abstract: In 18th May 1944, the daily paper *Folha da Manhã* brought out another article by Mário de Andrade (1893-1945) within his column *O mundo musical*. The text, titled “Número especial” (Special issue), referred to an important issue which was then to be achieved in honour of Brazilian music- namely the issue n° 6 to the *Boletín Latino-Americano de Música* - and raised two subjects about which the author had scarcely written through his life: the music produced in colonial Brazil and the state of affairs as to musicological research in that country. The present text, which purports to be a work on history of musicology, is an analysis of the above mentioned issue, scarcely reviewed by Mário de Andrade himself.

Keywords: Mário de Andrade – Brazil – Music.

Em 1944, instalava-se no Rio de Janeiro o musicólogo Francisco Curt Lange (1903-1997), alemão naturalizado uruguaio, velho conhecido da intelectualidade musical brasileira. Lange, que aqui ficaria por dois anos, incumbia-se de uma missão importante: coordenar os trabalhos do próximo número do *Boletín Latino-Americano de Música* - o número 6 - e dirigir sua publicação.¹

O *Boletín*, que consistia na talvez mais importante publicação latino-americana relativa à pesquisa musical, tinha então esse número como inteiramente dedicado ao Brasil e, a exemplo do que ocorrera nos trabalhos anteriores, compreenderia um volume de várias páginas, contendo artigos, além de um suplemento musical (partituras).²

Para auxiliar Curt Lange na realização do *Boletín*, para ele foi especialmente constituída uma comissão, presidida por Villa-Lobos (1887-1959) e composta por figuras conhecidas da intelectualidade brasileira - Andrade Muricy (1895-1984), Manuel Bandeira

* Mestre em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹ Boa parte das questões colocadas neste texto encontram-se em Remião (2004:31-40).

² O único *Boletín* que não apresentou suplemento musical foi o de n.2, *Boletín* impresso em 1936 no Peru. Em relação ao *Boletín* dedicado ao Brasil, esse foi o último número da série.

(1886-1968), Luiz Heitor Corrêa de Azevedo (1905-1992), Lorenzo Fernandez (1897-1948), Brasília Itiberê (1896-1967) e Renato Almeida (1895-1981). Mário de Andrade (1893-1945), figura mais influente da musicologia do Brasil daquele tempo, também deveria participar de tal grupo, mas nele não ingressou, apesar do pedido de Manuel Bandeira que cogitou nessa atitude do autor uma rixa pessoal em relação a Villa-Lobos:

Fui convidado para tomar parte nos trabalhos do Boletim Latino Americano de Música e aceitei. Fiquei encarregado da parte de ilustrações. Encontrei lá todos desolados com a sua recusa. Não se conformam com a falta que você faz. Compreendo muito bem os seus motivos (imagino que você não quer saber de mais contatos com o Villa). Mas Mário, não haverá um jeito de você colaborar a salvo do que você receia?: você pela sua recusa, ficou com a faca e o queijo na mão, pode impor o seu regulamento. Pense um pouco no que isso vai representar para o Brasil. Devo dizer-lhe que os planos estão bons e há na comissão gente sensata como o Luis Heitor e o Murici. (MORAES, 2001:674-675)³

No entanto, como se pode ver na carta de Mário de Andrade a Luiz Heitor, de 04 de abril de 1944, o musicólogo alega outro motivo para não fazer parte da comissão; foi por entendê-la como uma afronta à idoneidade de Curt Lange:

Mas a verdade verdadeira, Luis Heitor, é que essa comissão, embora sem intenção disso, representa uma desconsideração ofensiva ao Curt Lange, e eu achei que, por mim, eu não devia fazer isso a um colega. Questão de ética profissional. Repare bem: eu não entro, neste caso, no problema do mérito pessoal do Curt Lange, que aliás acho enorme. É o mérito da questão que eu discuto. Ponha o caso em si e você há-de concordar comigo que essa Comissão é uma espécie de reconhecimento público da incapacidade musicológica do Curt Lange. E isso a um homem de valor e utilidade incontestável, com uma fê de ofício importantíssima nas Américas, criador, organizador e diretor duma revista hoje imprescindível e fundamental na musicologia americana. E essa revista com o Curt Lange na direção já conseguiu lançar vários números nacionais americanos, sem que nenhum país se lembrasse de nomear oficialmente (ou extra-oficialmente, pouco importa!) nenhuma comissão pra descobrir a pólvora. Eu não faço isso a um colega. (AZEVEDO, 1980:105-106)⁴

Mário de Andrade, contudo, ciente da importância de um *Boletín* inteiramente dedicado ao Brasil, não deixou de oferecer a sua ajuda à realização desse importante evento. E a prestou de início escrevendo para a imprensa um texto no qual divulgava a futura e significativa publicação. O artigo tinha por título “Número especial” e foi publicado em 18 de maio de 1944 em *O mundo musical*, rodapé semanal que o autor tinha no paulistano *Folha da Manhã*.

Em “Número especial”, Mário assinalou (respeitosamente) a existência da comissão destinada a auxiliar Curt Lange e registrou também as metas projetadas por ela que, dividida em quatro seções – Etnografia e Folclore, História, Ensino, Vida Musical –, abarcava

³ A citação em questão corresponde a uma carta de Manuel Bandeira endereçada a Mário de Andrade, remetida do Rio de Janeiro e datada de 31 de março de 1944.

⁴ Esta carta foi publicada também em Azevedo (1973).

uma quantidade vasta de assuntos que iam, por exemplo, da música indígena à música contemporânea. Cético, embora elogiasse tal plano, para ele a musicologia brasileira estava num estágio ainda muito inicial e ela dificilmente poderia dar conta de tudo o que se prometia. E da difícil tarefa que se impunha, destacou e tratou na maior parte do texto, um dos tópicos que sem dúvida mais dificuldades oferecia – a pesquisa sobre a música do Brasil “Colônia”:

“Um dos angustiosos mistérios é a música que se fêz na Colônia. Sem dúvida é muito fácil afirmarmos, que predominou a música religiosa, mas como foi a profana? E mesmo a religiosa, qual foi?” (ANDRADE, 1998a:148).⁵

Esse pequeno texto⁶, repleto de interrogações, que procurava mostrar as dificuldades com que se defrontariam os pesquisadores, constitui uma fonte preciosa para quem se dedica ao pensamento musical de Mário de Andrade, pois, além de trazer duas questões que foram pouco tratadas pelo autor, a música colonial e a musicologia brasileira, trazia-as de modo relacionado, implicando uma (a pesquisa musicológica brasileira) como um dos aspectos determinantes da outra (conhecimento do nosso passado musical). Em suma, está-se diante de um texto cujas preocupações com a “música culta” pregressa remetem àquilo que mais tarde se chamaria no Brasil de “musicologia histórica”.

A questão é que Mário de Andrade, principal intelectual do “nacionalismo musical”, mostrou-se muitas vezes avesso à música do período colonial em razão do pouco ou nenhum índice de brasilidade que tal música lhe transmitia, e tudo leva a crer que isso contribuiu de algum modo para ele pouco se interessar por essa música. Cabe observar, contudo, que tal questão não era uma particularidade de Mário de Andrade, mas sim uma tendência em grande parte comum à musicologia brasileira nacionalista daquele tempo que, à exceção de uns poucos pesquisadores, não trabalhava com fontes primárias em relação à velha música e não imprimia buscas almejando encontrar composições musicais antigas. Em 1944, o que de mais antigo a academia conhecia de música no Brasil era a obra do padre José

⁵ De acordo com Mário de Andrade (1998a:147-148), as seções com seus respectivos responsáveis e temas eram as seguintes:

1. Etnografia e Folclore (Luiz Heitor e Brasília Itiberê) - a música dos indígenas brasileiros; os instrumentos de música dos índios brasileiros; a música do negro brasileiro; os instrumentos de música do negro brasileiro; a música popular brasileira; instrumentos de música populares no Brasil; estudos sobre os diversos gêneros de música popular brasileira.
2. História (Renato Almeida) – música colonial; a ópera no Brasil; a música sinfônica brasileira; a música de câmara no Brasil; a música para piano no Brasil; o canto em português no Brasil; o advento do nacionalismo na música brasileira; o período contemporâneo; estudos sobre os principais compositores brasileiros.
3. Ensino (Villa-Lobos e Lorenzo Fernandez) – história do ensino musical no Brasil; o ensino profissional da música no Brasil; a música nas escolas brasileiras; estudos sobre os grandes educadores musicais.
4. Vida Musical (Andrade Muricy) - história da vida musical brasileira; a organização oficial; orquestras, bandas militares e particulares; sociedades musicais; rádio; fotografia, bibliotecas musicais; estudos sobre os grandes intérpretes brasileiros do passado e de hoje; musicologia e crítica musical.

⁶ “Número especial” recebeu quatro páginas na transcrição de Jorge Coli.

Maurício Nunes Garcia (1767-1830), figura sobre quem Mário de Andrade escreveu alguns textos não deixando de discorrer acerca de sua pouca brasilidade. O último artigo que o autor escreveu sobre José Maurício, publicado pouco tempo antes de “Número especial” e no mesmo *Folha da Manhã*, explicitou críticas à obra e à figura do padre-compositor. José Maurício, “o anti-incofidente típico”, era o “confidente” do colonizador (ANDRADE, 1998b:143-145).

Em “Número especial”, o que se verifica é algo totalmente diferente: se não se pode afirmar que Mário de Andrade é um entusiasta pela música do período colonial, pelo menos de modo algum se pode dizer que o autor demonstra pouco interesse por ela, por sua pesquisa. E isto porque Mário de Andrade contribui para o problema tecendo reflexivamente várias hipóteses acerca de onde se poderiam encontrar composições antigas.

O que reside em tal artigo é, pois, um posicionamento inegavelmente prestativo do autor que, preocupado com o desenvolvimento da pesquisa musical no Brasil, objetivava com “Número especial” alcançar não exclusivamente o público comum do jornal, ou não apenas esse, mas os pesquisadores musicais que por ventura empenhar-se-iam no *Boletín*. Essa intenção de incitar os pesquisadores com o referido artigo, Mário revelou a Luiz Heitor em carta de 19 de maio de 1944: “Lhe mando aqui duas cópias do artigo que escrevi sobre o futuro número especial do ‘Boletín’. Uma é pra você ler, a outra pra dar ao Curt Lange. Creio que não preciso me explicar, foi artigo unicamente pra agitar a notícia e entusiasmar os colaboradores daqui.” (AZEVEDO, 1980:107).

Contudo, ao tomar também como destinatário a figura do musicólogo em “Número especial”, Mário de Andrade em hipótese alguma imprimiu em seu artigo um trabalho direcionado especificamente para especialistas, a ponto de o mesmo ser incompreensível para o público leigo, muito pelo contrário; como é característico de sua escrita, abundam no texto uma coloquialidade bastante convidativa ao leitor comum, no caso desconhecedor dos problemas musicológicos do Brasil, e em determinadas passagens verificam-se o uso do humor e da ironia próprios da crônica. A esse respeito, digna de nota é a manifestação de Mário de Andrade logo após relatar o ambicioso projeto temático da Comissão: “Ah se pudessemos conhecer abalizardamente tudo isso!...” (ANDRADE, 1998a:148).⁷

Em “Número especial”, em suas especulações Mário de Andrade privilegiou a música dos tempos mais pretéritos do Brasil, o século XVI, e tratou tanto da “música religiosa colonial” como da “música profana erudita”.

⁷ Santos (2003), ao tocar na fragilidade de fronteiras entre os gêneros textuais em Mário de Andrade, foi quem analisou o artigo “Padre José Maurício”, de *Música, doce música*, demonstrando a alternância de elementos literários com os propósitos referenciais do artigo.

Sobre a “música religiosa colonial”, dentre outras coisas, assinalou como sendo “impossível que nos arquivos das matrizes, das ordens monásticas e das ordens terceiras” não tivesse ficado alguma coisa. Problematizou o “canto de órgão”, mencionado nas cartas jesuíticas, e sobre ele colocou que o estudo da música religiosa impressa no século XVI no México (menciona um “Graduale Dominicale”) seria um caminho para entender o que foram efetivamente tais cantos. Para a “música religiosa colonial”, Mário assinalou dois especialistas que poderiam contribuir à pesquisa dessa música: o padre Serafim Leite (1890-1969) e o frei (também musicólogo) Pedro Sinzig (1876-1952) (ANDRADE, 1998a:148-149).⁸

Já quanto à “música profana erudita”, Mário enfatizou que a pesquisa se daria de modo talvez mais fácil, “não só porque essa música devia ser fatalmente a mesma que se fazia em Portugal”, mas pela possibilidade de que uma investigação em inventários e testamentos pudessem revelar “os instrumentos de música mais costumeiros nos solares coloniais. E os instrumentos nos levariam aos repertórios ibéricos do tempo.” (ANDRADE, 1998a:149). Sobre tal questão, não deixou, ainda, de assinalar uma série de complicações inerentes à semântica da nomenclatura dos instrumentos, coisa que fez ao discorrer dos problemas referentes ao termo “viola”.

Pode-se dizer que tais sugestões de pesquisa levantadas por Mário de Andrade eram bastante adequadas à musicologia brasileira daquele momento, pois, afinal, num contexto em que pouca pesquisa se fazia em arquivos *a priori* qualquer coisa poderia ser dita. Contudo, é importante enfatizar, apesar de fixar-se mais no século XVI, período ao qual ainda hoje nada se encontrou em termos de documentação musical e talvez nunca se encontre⁹, que Mário não era ingênuo em acreditar que abundavam em nossos arquivos músicas de tempos passados à espera dos pesquisadores. Pelo contrário, sabia que muito já havia se perdido para sempre e uma árdua pesquisa *a priori* não era garantia de êxito algum.

Em suma, era com vazios que se deparariam os pesquisadores de nosso passado musical e estas lacunas, longe de serem rapidamente preenchidas, na opinião de Mário de Andrade, não era com o *Boletín* dedicado ao Brasil que seriam eliminadas. Com toda uma linguagem que lhe é particular, assinalou “a incúria de muitos”, a imaturidade de nossa

⁸ Dos dois, apenas Sinzig teve trabalho publicado no *Boletín* n.6 (SINZIG, 1947). Serafim Leite não teve seu artigo “A música nas Escolas jesuíticas” publicado, pois um 2º volume, que comportaria seu texto e se previa como uma segunda parte do *Boletín* número 6, nunca saiu do prelo.

⁹ A obra musical mais antiga que com certeza foi composta no Brasil é o *Recitativo e Ária*, de compositor anônimo, escrita na Bahia em 1759. Antes disso, em um período não superior à terceira década do século XVIII, também em manuscrito, mas sem a certeza de terem sido produzidos em terra brasileira, há o chamado *Grupo de Mogi das Cruzes* e o *Manuscrito de Piranga*, compostos, respectivamente, por 16 e 25 composições. Quanto aos registros “pré-etnomusicológicos”, como os de Jean de Léry (1534-1611), relativos ao canto dos Tupinambá, apesar de serem do século XVI, de um modo geral, estes não têm sido colocados pelos estudiosos lado a lado à produção musical antiga mencionada.

musicologia e até mesmo as próprias pessoas de outrora que deixaram poucos registros como causas desse penoso estado de ignorância histórico-musical:

há coisas que, pela incúria de muitos e pela justa infância em que ainda vai no Itororó a nossa musicologia, nem tão cedo poderemos saber com suficiência, nem nunca poderemos saber mais. Porque se perdeu. (ANDRADE, 1998a:148)

A cada passo topamos com vazios no conhecimento da música do Brasil, que ainda será preciso preencher. E as falhas que o número especial do Boletim tiver, não dependerão dos que o dirigiram e orientaram, mas da nossa musicologia incipiente e da ausência constante de referências musicais nos viajantes e cientistas que nos estudaram, na Colônia. E no Império. E nas diversas repúblicas por que vamos velozmente passando, por filológico amor das nomenclaturas. (ANDRADE, 1998a:150)

Para Mário de Andrade, ainda não era tempo “de se conseguir um conhecimento mais profundo e profuso de nossa evolução musical”. No texto, ao assinalar o trabalho sobre folclore que havia feito para o *Handbook of Brazilian Studies*, disse que em relação a esse já era possível afirmar que deixou-se para trás a “fase das generalizações levianas” para se entrar num “período monográfico”, visando as “generalizações idôneas”, mas, na música, ao seu ver, nem no “período monográfico” teria-se entrado. Assim, em relação ao *Boletín*, o que se poderia esperar, segundo o autor, seria somente um trabalho “no sentido sociológico e não no tecnicamente musical” e, assim mesmo, “só muito por alto”¹⁰ (ANDRADE, 1998a:150).

Encontra-se aqui, como se pode ver, um reconhecimento de Mário de Andrade acerca das limitações da musicologia brasileira de sua época que, de fato, ainda dava seus primeiros passos àquela altura. Nisto incluía-se até os “musicólogos legítimos”, expressão que utilizou para referir-se a figuras como Luiz Heitor, Oneyda Alvarenga (1911-1984) e Caldeira Filho (1900-1982) em oposição aos “amadores” que se punham a escrever sobre música. Ensaístico, fortemente pessoal, vinculado ao “nacionalismo musical”, assim era o texto musicológico daquele momento.

Mário de Andrade morreu em 1945 e não chegou a ver o *Boletín*, que teve uma publicação demorada e só veio a lume efetivamente em 1947. Do autor, contudo, traz o volume o artigo que o mesmo se incumbira de fazer – “As danças dramáticas do Brasil” (ANDRADE, 1947) –, e uma bonita homenagem lhe foi feita no prólogo por Curt Lange (LANGE, 1947a:34-36)¹¹, que no mesmo *Boletín* contribuiu com um importante artigo sobre o passado musical mineiro (LANGE, 1947b). Como se sabe, esse artigo de Lange, intitulado “La música en Minas Gerais: un informe preliminar”, tornar-se-ia um clássico sobre o passado musical em Minas e revelaria à intelectualidade brasileira, dentre outras coisas, não

¹⁰ Mário de Andrade escreveu para o *Handbook of Brazilian Studies* em 1942.

¹¹ A página anterior ao prólogo (p.30) traz uma foto de Mário de Andrade.

só a existência de velhos papéis de música, alguns dos quais datados do final da penúltima década do século XVIII – que seriam os mais antigos da história da música do Brasil de então – como chamaria a atenção para o fato de que a essa velha música relacionavam-se as tradicionais corporações musicais mineiras, comumente chamadas por bandas¹². Foram através desses conjuntos mineiros, de seus arquivos funcionais, passados geralmente de pai para filho, que grande parte da música pretérita do Brasil foi conservada.

Levando-se em conta que Mário de Andrade fizera a previsão de que do *Boletín* talvez não se devesse esperar grandes realizações, teria ele, se vivo fosse, se surpreendido com o artigo de Curt Lange? É possível conjecturar positivamente sobre tal idéia, e é possível também assinalar que, se por um lado, o artigo de Mário “errou”, por outro lado, ele “acertou” ao, no caso do musicólogo teuto-uruguaio, conseguir incuti-lo de algum modo com mais ânimo (se é que este não tinha o suficiente) nas suas pesquisas em Minas Gerais de agosto de 1944, já que, muito provavelmente, Curt Lange lera “Número especial” antes de rumar para Minas.¹³

O fato curioso, acaso do destino, é que em agosto de 1944 Mário de Andrade estava lá, em Minas Gerais, passando uns dias de descanso em Belo Horizonte no mesmo hotel (Grande Hotel) que Curt Lange hospedara-se a fim de pesquisar nosso passado musical. Consta que Mário de Andrade chegou a tomar conhecimento dos achados de Lange, ainda bem iniciais e relacionados ao século XIX. E também se relata que ele teria se entusiasmado com tais pesquisas.¹⁴ Mas eis uma dúvida: por que Mário de Andrade não publicou um texto sequer para comentar os achados de Lange? O período até a sua morte foi escasso para isso? Ou, na prática, nada desejou escrever por estar ainda preso às velhas idéias nacionalistas com relação à antiga música? Então, “Número especial” seria um artigo de exceção, de um Mário de Andrade pouco à vontade com a música do período colonial?

Seja como for, o fato é que Mário de Andrade em Minas, diante da pesquisa iniciada por Curt Lange, deve ter provavelmente se lembrado de “Número especial”, o artigo que escrevera há poucos meses para estimular os pesquisadores ao *Boletín* e para comunicar o advento de uma importante publicação dedicada à música brasileira.

¹² Esse artigo de Curt Lange, escrito originalmente em espanhol, encontra-se traduzido para o português, sem as diversas imagens e reproduções musicais, em Lange (1990).

¹³ No Acervo Curt Lange, “Número especial” encontra-se na Série Vida em BRUFMGBUCL3.172.15 (ANDRADE, 1944). É possível que o exemplar do Acervo seja o mencionado da citada carta que Mário de Andrade enviou a Luiz Heitor.

¹⁴ Por exemplo, Lange (1966:141-142) e o depoimento de Rubens Borba de Moraes em Mourão (1973:6).

Referências bibliográficas:

- ANDRADE, Mário de. Número especial. Folha da Manhã, São Paulo, 18 maio 1944. Mundo musical. BRUFMGBUCL3.172.15.
- _____. As danças dramáticas do Brasil. Boletín Latino-Americano de Música, Rio de Janeiro, n.6, p.49-97, mar. 1947.
- _____. Número especial. In: COLI, Jorge. Música final: Mário de Andrade e sua coluna jornalística Mundo musical. Campinas: UNICAMP, 1998a. p.147-150.
- _____. José Maurício. In: COLI, Jorge. Música final: Mário de Andrade e sua coluna jornalística Mundo musical. Campinas: UNICAMP, 1998b. p.142-146.
- AZEVEDO, Luiz Heitor Corrêa de. Mário de Andrade e Francisco Curt Lange. In: MOURÃO, Rui (Org.). Curt Lange, o descobridor II. Minas Gerais, Belo Horizonte, 23 jun. 1973. Suplemento Literário, ano 8, n.356. p.3.
- _____. As minhas cartas de Mário de Andrade. Latin American Music Review, Austin, v.1, n.1, p.92-111, Spring/Summer1980.
- LANGE, Francisco Curt. A maneira de prólogo. Boletín Latino-Americano de Música, Rio de Janeiro, n.6, p.31-48, mar. 1947a.
- _____. La música en Minas Gerais: un informe preliminar. Boletín Latino-Americano de Música, Rio de Janeiro, n.6, p.409-494, mar. 1947b.
- _____. A música na Vila Real de Sabará. Estudos Históricos, Marília, n.5, p. 97-198, dez. 1966.
- _____. A música em Minas Gerais: um informe preliminar. In: MOURÃO, Rui. O alemão que descobriu a América. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1990. p.99-179.
- MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira. 2 ed. São Paulo: USP, 2001.
- MOURÃO, Rui (Org.). Curt Lange o descobridor I. Minas Gerais, 16 jun. 1973. Suplemento Literário, ano 8, n.355, p.1-12.
- REMIÃO, Cláudio. Música e Brasil – uma interpretação histórica dos primeiros usos do barroco. 2004. 157f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- SANTOS, Paulo Sérgio Malheiros dos. Um artigo musical. In: _____. Músico, doce músico. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p.141-155.
- SINZIG, Pedro. O Pontifical de Santa Cruz, Coimbra. Boletín Latino-Americano de Música, Rio de Janeiro, n.6, p.301-307, mar. 1947.